

IASCJ CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO - UNISAGRADO

ALLAN ADRIANO DIAS PEREIRA

**A VOZ DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA MÍDIA NA
PROPAGAÇÃO DA LGBTIFOBIA**

BAURU

2022

ALLAN ADRIANO DIAS PEREIRA

A VOZ DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA MÍDIA NA
PROPAGAÇÃO DA LGBTIFOBIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em Publicidade
e Propaganda – IASCJ – Centro Universitário
Sagrado Coração – UNISAGRADO.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nirave Reigota Caram

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

P436v	<p>Pereira, Allan Adriano Dias</p> <p>A voz do preconceito: uma análise sobre o papel da mídia na propagação da LGBTIfobia / Allan Adriano Dias Pereira. - 2022. 36f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Nirave Reigota Caram</p> <p>Artigo Científico (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. LGBTI+. 2. Preconceito. 3. LGBTIfobia. 4. Análise do discurso. 5. História do Brasil. I. Caram, Nirave Reigota. II. Título.</p>
-------	---

ALLAN ADRIANO DIAS PEREIRA

A VOZ DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA MÍDIA NA
PROPAGAÇÃO DA LGBTIFOBIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em Publicidade
e Propaganda - IASCJ - Centro Universitário
Sagrado Coração – UNISAGRADO.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Nirave Reigota Caram (Orientadora)

IASCJ - Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

Prof. Dr. Vitor Pachioni Brumatti

IASCJ - Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

Prof.^a Dr.^a Flávia Santos Arielo

IASCJ - Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

Dedico este trabalho a todos os LGBTI+ que não tiveram a chance de questionar o preconceito que roubou suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todas as travestis que resolveram levantar a voz e os tamancos contra quem as queria silenciadas, pois se não fosse por elas, dificilmente um LGBTI+ teria espaço na sociedade para realizar esta pesquisa. Bem como a todos os que ainda lutam para que a comunidade tenha um lugar de igualdade para com as pessoas heterocisnormativas.

Agradeço imensamente a pessoa que sacrificou muitas coisas para que eu estivesse aqui, com possibilidade de concluir uma faculdade, minha mãe, dona Sandra Santos. É só graças a força dessa mulher, que eu tenho um exemplo para continuar em busca do que quero e acredito, como esta pesquisa.

Agradeço também a Prof.^a Dr.^a Nirave Reigota Caram, pois além de ser minha orientadora, ela acreditou no tema que eu queria produzir e na minha capacidade de concluir a pesquisa.

Agradeço as amigas da faculdade Lorena Parreira, Mayara Passadori, Priscilla Munhoz e Stefani Pavanelli, pois estiveram juntos nesses quatro longos anos. E a Luciane Prado, que me ajudou desde o primeiro dia de faculdade até com dicas para o TCC. Todas elas foram importantes pois acreditaram em mim mais que eu mesmo.

Agradeço a Lidiane que me aturou pedindo ajuda além das funções apenas como funcionária da biblioteca CorJesu e ao Thiago, que ajudou imensamente com a tradução do resumo.

Agradeço ao pesquisador Renan Quinalha, pois suas pesquisas foram tão fundamentais para a conceituação e desenvolvimento desta pesquisa, sendo um profissional que eu admiro muito e é uma referência profissional.

Agradeço ao PROUNI, que forneceu condições financeiras para que fosse possível ingressar e concluir este curso.

Por fim, deixo mais sinceros agradecimentos a todo o corpo docente do Centro Universitário do Sagrado Coração, principalmente aos professores do curso de Publicidade e Propaganda que fizeram parte da minha passagem pela instituição e que agregaram conhecimento com tanta disposição. Destaco principalmente o professor Dr. Vitor Pachioni Brumatti e a professora Dr.^a Flavia Santos Arielo, por aceitarem o convite de compor a minha banca e serem parte desse momento tão importante.

“O único compromisso que existe em defender famílias tradicionais é dizer que aquelas que não são, devem morrer, devem não ter direito, devem ser espancadas, devem ser destruídas [...] porque eles sabem que não são nada tradicionais” (HILTON, Erika, 2022)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	QUEM SÃO E POR QUE SE ESCONDEM	13
2.1	COMO SURTIU O MOVIMENTO LGBTI+ BRASILEIRO?	13
2.2	A HERANÇA “HÉTERO-MILITAR”	14
2.3	A VEZ DO PRECONCEITO BRASILEIRO	15
3	A CENSURA MORAL DOS LGBTI+	16
3.1	A IMPRENSA GAY DO BRASIL: UMA LUZ NO TEMPO ESCURO	17
3.2	A TELEHISTÓRIA: O PROGRESSO DESFAZ EXPLOSÕES	18
3.3	A CONEXÃO DE VOZES POTENCIALIZANDO DISCURSOS	19
4	ANÁLISE DO DISCURSO: HERANÇA IDEOLÓGICA	21
4.1	HISTÓRIAS QUE SE REPETEM	21
4.2	A FABRICAÇÃO DO SENTIDO SOCIAL	24
4.3	ENTRE O BOM E O MAU: O PÂNICO MORAL	26
5	DISCUSSÃO DE RESULTADOS – A FORÇA DOS “BONS COSTUMES”	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS – PARA DIAS MAIS COLORIDOS	30
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO A – PERSONAGEM LGBTI+ NA TELEDRAMATURGIA	38
	ANEXO B – REPRESENTATIVIDADE NO BBB	39

A VOZ DO PRECONCEITO: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA MÍDIA NA PROPAGAÇÃO DA LGBTIFOBIA

Allan Adriano Dias Pereira¹, Nirave Reigota Caram²

¹Graduando no curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru - SP. E-mail: allan.per22@outlook.com.

²Orientadora da pesquisa e docente do Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru - SP. Doutora em Educação pela FCL/Unesp-Araraquara, Mestra em Televisão Digital pela FAAC/Unesp-Bauru, Especialista em Marketing, graduada em comunicação social: habilitada em Publicidade e Propaganda, Tecnologia em Marketing e Pedagogia. E-mail: nirave.caram@unisagrado.edu.br

RESUMO

É natural que as pessoas defendam e busquem confirmação daquilo que acreditam, os estudos sobre o viés de confirmação apontam essa tendência humana de privilegiar fontes que reforcem suas próprias crenças. Buscando entender os fatores que permitiram com que o preconceito, ainda em 2022, motivasse ataques a tantos jovens LGBTI+, esta pesquisa realizou um levantamento bibliográfico de pesquisas e livros sobre a ditadura militar e a história da comunidade LGBTI+, além de analisar os contextos sociopolíticos posteriores ao período da ditadura brasileira que foram base crenças referentes a “moral e os bons costumes”. Para isso, foram selecionados três recortes temporais, sendo eles a epidemia de HIV no Brasil, o início do século XXI com mais representações LGBTI+ na televisão e o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), a partir destes recortes foi realizada a análise do discurso sobre a comunidade que permitiu destacar três estratégias discursivas: a polarização de bem e mal, a fabricação de sentido e o pânico moral. Com isto, concluiu-se que ao longo dos anos, grupos que detinham o poder e a influência, moldaram discursos que criaram na sociedade uma noção negativa que promoveu a marginalização de grupos LGBTI+ e que ainda foi retomada e retrabalhada em diferentes momentos para que o medo fosse um gatilho cooptasse pessoas para uma ideia ou ação que levou até mesmo a violências físicas e consequências letais.

Palavras-chave: LGBTI+. Preconceito. LGBTIfobia. Análise do discurso. História do Brasil.

ABSTRACT

It is natural for people to defend and seek confirmation of what they believe, studies on confirmation bias point to this human tendency to privilege sources that reinforce their own beliefs. Seeking to understand the factors who allows with a preconception, until 2022, motivated attacks against the teens LGBTI+, this research maked a bibliographic survey of research and books on the military dictatorship and the history of the LGBTI+ community, in addition to analyzing the social politic contexts successor of the Brazilian military dictatorship who has been bases for “moral and good mores”. For that, has picked three temporal cutouts, being then the epidemy of HIV in Brazil, the start of XXI century with more LGBTI+ representants on TV and the government of Jair Bolsonaro (2018-2022), from those cutouts was made the analysis of speech about the community who permitted highlight three discursive strategies: the polarization of good ang evil, the fabrication of sense and the moral panic. With that, concludes what a long of years, groups who defends the power and the influence, build speeches who creates on society one negative notion who promoted the exclusion of groups LGBTI+ and who until been restarted and reworked on different moments for what the scary

been on kitten coopted people for an idea or action who took even the physic violence and lethal results.

Keywords: LGBTI+. Preconception. LGBTIphobia. Discourse Analysis. History of Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Todas as crenças e preconceitos que existem são fruto de construções e convenções sociais passadas de geração a geração de forma natural. Mesmo que socialmente não haja questionamento por trás de algumas crenças, muitas as repassam e mesmo que sem intenção, propagam culturas, e preconceitos. A homofobia é um exemplo de pré-conceito criado e repassado entre gerações durante séculos, ela não é um produto da sociedade contemporânea, mas, mesmo que a diversidade sempre tenha existido, ela passou a ser abominada em certo período da história humana, mas teve seus períodos de naturalização e repulsa. Houve momentos da história humana (como nos antigos povos helênicos e gregos) nos quais as relações homoafetivas eram normalizadas e tratadas como algo natural, entretanto também houve períodos da história em que grupos mais influentes caçavam e reprimiam existências LGBTI+ (como nas cruzadas, no período imperial e na ditadura militar brasileira).

Apenas no século XX, o espectro sexual e identitário e passou a ser reconhecido como algo amplo que transpassa a concepção de héteros e homossexuais, mas isso não significa que a visão geral seja livre de preconceitos ou que esse preconceito seja apenas uma “maldade” humana. Muitas figuras públicas respeitadas possuem falas que são consideradas erradas por grupos militantes compostos por Lésbicas, *Gays*¹, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexo e demais identidades sexuais e de gênero, (representado pela sigla LGBTI+), na internet é possível encontrar casos notórios envolvendo personalidades famosas e influentes sendo LGBTIfóbicas, mesmo sem intenção maldosa.

O movimento de LGBTI+ é inconstante quanto as siglas que representa, as letras são uma convenção mutável sobre disputas de representatividade, visibilidade e entendimento que foram variando com o passar do tempo e do contexto histórico-cultural, como apontado por Quinalha (2022). Tal como Quinalha, nesta pesquisa foi utilizado o termo LGBTI+ como nomenclatura do movimento devido à sua proximidade da realidade brasileira, que não utiliza a terminologia *Queer*², como ocorre em outros países.

O Brasil possui contrapontos quando se fala de LGBTIfobia³, ao mesmo que é o país que mais mata a comunidade LGBTI+, também é o país que mais consome pornografia trans e cuja população adora se travestir como fantasia carnavalesca, como aponta o colunista Morris Kachani (2021), em matéria da coluna “Inconsciente Coletivo” do jornal Estadão. Essa contradição ideológica não acontece apenas no Brasil, o Vaticano, que por diversas vezes se opôs a questões homoafetivas, já foi o centro de escândalos sobre casos de homossexualidade e compra de saunas *gays*, como apontado pelo autor Bruno Bimbi (2017). Essa dualidade destaca uma realidade contrastante: mesmo tendo uma sociedade na qual muitas pessoas sejam LGBTIfóbicas, o Brasil tem um público que, secretamente, se atrai por conteúdos relacionados à comunidade trans.

¹ Embora diversos pesquisadores como Green (2019), Parker (2002) e Quinalha (2022) cite uma tentativa, ainda no século XX, de traduzir o termo *gay* como “guei” no Brasil, o segundo não possui adesão em 2022 e, por isso, foi utilizado o original estrangeiro nesta pesquisa.

² “Estranho” em português (tradução nossa)

³ Que pode ser caracterizada como “[...] o ódio, a repulsa, o medo, a aversão a tudo que não segue os padrões e conceitos determinados como heterossexuais” (COSME, 2021, p. 204)

Mesmo que atualmente mais grupos sociais debatam sobre a comunidade LGBTI+, buscando inserir representatividade, ainda há muito preconceito enraizado na sociedade que promove repulsa os membros da comunidade e os conteúdos relacionados. Desta forma, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: a mídia contribuiu para a disseminação da LGBTIfobia na sociedade brasileira após 1960?

Assim, para responder esse questionamento e entender os fatores que construíram e mantiveram estereótipos da comunidade LGBTI+ em circulação, nesta pesquisa optou-se por analisar a relação entre o preconceito propagado no Brasil da segunda metade do século XX e as concepções sociais que moldaram costumes e cultura que influenciam pensamentos até o ano de 2022. Para isso, buscou-se compreender como ocorreu a presença de LGBTI+ em meios de comunicação após a década de 1960; investigar os fatores político-sociais que possam ter influenciado no preconceito; analisar o impacto de anos de marginalização desse grupo nos dias de hoje; traçar um paralelo entre discursos LGBTIfóbicos antigos e atuais.

Abordar as causas do preconceito contra LGBTI+ é importante ainda hoje pois, mesmo que o Brasil não seja o país com as leis mais severas contra a comunidade, ele ainda foi, por 13 anos consecutivos o país que mais matou LGBTI+. O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2022), produzido pelo Grupo *Gay* da Bahia (GGB) e disponibilizado online pelo blog de mesmo nome, aponta que apenas durante o ano de 2021, houve 300 mortes de LGBTI+ de forma violenta no país. Sendo elas 276 foram homicídios e 24 suicídios. Os números representam uma morte motivada por preconceito a cada 29 horas. Como apontado por (PATEMAN *apud* QUINALHA, 2021, p. 24), "contar histórias de todos os tipos é a principal forma desenvolvida pelos seres humanos para atribuírem sentido a si próprios e a sua vida social".

Para contornar um problema social, é preciso entender as causas de um problema e os objetivos implícitos que podem existir para que continue a existir. E apenas quando entender os fatores relacionados, é possível elaborar e cobrar dos políticos diversas frentes de combate para ser mais efetivo no resultado.

Sendo uma pesquisa voltada para entender e descrever como a LGBTIfobia foi potencializada pela mídia de forma que em 2022 ainda fosse tão intensa, mesmo com aceitação de uma parcela maior da população, o desenvolvimento desta pesquisa foi dividido em duas etapas: primeiro, o levantamento bibliográfico que, de acordo com Macedo (1995), é a coleta de informações e documentos relacionados com o problema de pesquisa abordado, para revisar literaturas já existentes e não redundar pesquisas já realizadas. Foram utilizadas obras acerca do surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) até sua evolução para o movimento LGBTI+ fortalecimento do preconceito com o passar de décadas, tendo como principais referências profissionais como o professor e jornalista Renan Quinalha (2020; 2021; 2022), o brasileiro James Naylor Green (2019), os pesquisadores Edson Teles (2021), Richard Parker (2002) e os jornalistas Bruno Bimbi (2017) e Marcelo Cosme (2021). Para complementar a base bibliográfica foi utilizado a pesquisa documental de leis do regime ditatorial brasileiro e de dossiês elaborados por organizações *gays*, como o Grupo *Gay* da Bahia e a Aliança Nacional LGBTI+, pois segundo Lakatos e Marconi (2010), essas fontes são úteis para criar um cenário sobre o campo pesquisado e evita que ocorram duplicações de materiais.

Como parte fundamental desta pesquisa, a segunda etapa foi pautada em uma análise de discursos de diferentes canais e momentos da história brasileira a partir da segunda metade do século XX, com base na metodologia da análise do discurso que, como apontado por Orlandi (2011, p.11) é uma "[...] proposta crítica que procura justamente problematizar as formas de reflexão estabelecidas. [...] que refere ao conhecimento da linguagem ao conhecimento das informações sociais". Bastos e Casagrande (2021) explicam que desde o início do século XXI os estudos baseados na linguagem, foram voltados para os contextos sociais e, nestes casos, os discursos é entendido como "uma atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados

com as posições que ocupam em tempos e lugares determinados” (BASTOS; CASAGRANDE, 2021, p.2). Dentro disto, as autoras ainda afirmam que o estudo do discurso abrange três áreas: o materialismo histórico, a linguística do discurso e a teoria do discurso, que busca o sentido pela perspectiva histórica. A utilização dessa abordagem nesta pesquisa se dá pela análise situacional de três momentos que foram selecionados por denotarem grande relevância na história LGBTI+ brasileira, sendo eles: o sensacionalismo que criou o LGBTI+ como um mal para a sociedade durante a epidemia de HIV (década de 1980), a construção de um sentido social que fingia aceitar os LGBTI+ com respeito (fim do século XX e início do XXI) e o estabelecimento do pânico moral durante as recentes corridas presidenciais (a partir do ano de 2016). Entender o discurso sobre a luta da comunidade LGBTI+ é essencial para o estudo pois:

[...] tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. (RAMALHO; RESENDE, 2013, p. 26)

Assim, em uma sociedade que, como a do Brasil, apresenta falas contrárias aos LGBTI+ de forma naturalizada, é possível imaginar que exista uma cultura histórica que retroalimenta essas crenças negativamente estereotipadas e machistas. Partindo desta suposição, como cerne desta pesquisa, foi aplicada a análise de discurso com conteúdo previamente selecionado, a partir do período ditatorial brasileiro. Utilizando uma coletânea elaborada por Bruno Oliveira e Uno Vulpo (2020) e disponibilizadas por meio da plataforma *Google Arts & Culture*, (Google Artes e Cultura em português) e complementando a análise com recortes de capas do extinto jornal “Lampião da Esquina”, de representações de LGBTI+ em telenovelas dos canais Rede Globo e SBT e charges críticas ao preconceito.

2 QUEM SÃO E POR QUE SE ESCONDEM

Quinalha (2022) aponta que os LGBTI+ sempre existiram, mas em contextos de sociedades mais rurais e menos aglomeradas, houve pessoas que contrariavam a heteronormatividade social de forma isolada e, ao longo do século XX no Brasil, houve um processo de êxodo rural em busca de se esconder. Diversos LGBTI+ viram o anonimato das cidades como única forma de sobrevivência, ainda que fosse nos espaços guetificados dos centros urbanos e, ainda assim, tal possibilidade de passarem despercebidos só passou a existir após a Revolução Industrial, no final do século XIX, que expandiu as condições para se viver fora do conceito de família nuclear (ERIBON, 1988 *apud* QUINALHA, 2022).

A visão da comunidade na qual esta pesquisa se baseia, é a de um movimento político-social que engloba orientações sexuais e de gênero que fogem do espectro heterocisnormativo⁴ socialmente aprendido. O movimento possui seu caráter político que busca igualar seus direitos ao nível que a população hétero cisgênero possui e o respeito sobre a identidade que adotam, como no caso das travestis.

2.1 COMO SURTIU O MOVIMENTO LGBTI+ BRASILEIRO?

Os LGBTs não surgiram com o início dos anos 2000. Tomando base em preceitos helênicos⁵, algumas sociedades antigas, como a grega, incentivavam relações homoeróticas entre homens mais experientes e mais novos como forma de transmitir conhecimentos de

⁴ Referente a normas sociais de pessoas heterossexuais (que se atraem pelo gênero oposto) e cisgênero (que se identificam com o gênero designado à pessoa no nascimento).

⁵ Referente ao povo macedônio que habitou a região situada no norte da Grécia.

filosofia, militar e até sexual. Nessa prática, o mais jovem costumava contemplar a vivência do velho que, por sua vez, admirava as qualidades masculinas do pupilo, como apontado por Tiago Andrade (2018), no blog online “FACES DA HISTÓRIA”. Há relatos das práticas homoafetivas até mesmo em povos originários do Brasil, “[...] a sexualidade indígena tornou-se quase uma obsessão do invasor português, pois procuravam controlá-la e discipliná-la, para que assim eles pudessem ser introduzidos no conjunto de súditos da coroa portuguesa.” (FERNANDES, 2016 *apud* BELIN, 2020, p. 3).

Quinalha (2022) aborda como o movimento social a favor dos direitos LGBTI+, não surgiu definido e com a força que possui em 2022, ele se adaptou às novas identidades, quando houve indícios de um movimento *gay* no Brasil, ele era conhecido por Movimento Homossexual Brasileiro, anos depois foi chamado de movimento GLS (*Gays, Lésbicas E Simpatizantes*), até que se tornou o mais conhecido LGBTI+ (aqui foi adotado o “L” em primeiro como forma de mostrar a busca por igualdade, inserindo as mulheres à frente dos homens). No Brasil, alguns estudiosos utilizam o LGBTI+ (devido ao Q e o A não terem tanta adoção como em outros lugares). Ressalta-se que nenhuma nomenclatura invalida à outra completamente, apenas agregam uma nova concepção de identidade ou orientação sexual.

Green (2019) aponta que, no Brasil, o movimento LGBTI+ começou por influência da revolta de Stonewall e começou a tomar forma, ainda que tímida, no final da década de 1970, motivado pelos movimentos feministas que reivindicavam ações políticas sobre a luta de gênero. E assim, aparecia em algumas publicações de um tabloide mensal denominado “O Lâmpião da Esquina”; adquirindo mais forma, força e organização após o início da década de 1980, por conta da crise da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA⁶) que o país enfrentou.

“Às vezes, precisamos assumir uma função pedagógica, desarmando os mitos e explicando que não somos extraterrestres. E, portanto, precisamos saber disso nós mesmos” (BIMBI, 2017, p. 15) e é da desinformação que parte a análise do discurso da LGBTIfobia estrutural na comunicação brasileira. Mesmo havendo uma presença cada vez maior da comunidade nas mídias, desde filmes até novelas e seriados, muitas vezes influenciadoras transmitem desinformação com informações desatualizadas ou imprecisas. Por exemplo, a apresentadora Patrícia Abravanel⁷ foi alvo de críticas por comentários feitos em seu programa sobre a comunidade precisar ser mais compreensiva com os reacionários que se dizem “conservadores” e, ao tentar se retratar sobre a fala, tentou ensinar o significado de cada letra e se complicou ainda mais por convidar um funcionário homossexual visivelmente nervoso, que não conseguiu explicar corretamente os significados da sigla, expondo-o à uma vergonha em rede nacional⁸.

2.2 A HERANÇA “HÉTERO-MILITAR”

Em entrevista ao *podcast* “Ilustríssima Conversa” (2021)⁹, Renan Quinalha aponta o fato de a ditadura militar brasileira (1964-1985) ter existido como uma espécie de laboratório subjetivo, no qual inúmeras pessoas foram educadas com a naturalização de violências contra a diversidade sexual e de gênero.

Assim como ele também aponta durante a entrevista, o período ditatorial velava seus ideais “moralistas” na hora de repreender atividades “homossexuais”, associando-as à uma

⁶ *Acquired ImmunoDeficiency Syndrome* (AIDS), em inglês

⁷ É a quarta filha dos empresários Silvio Santos e Íris Abravanel, já participou de programas com o pai e atualmente é uma das apresentadoras do programa “Vem Pra Cá”, do SBT.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Pbw0mZQQHg>. Acesso em: 9 set. 2022

⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3QxXfMY0qN15Bb5XlNrLxf?si=49330ed653d344a0>. Acesso em: 9 dez. 2022.

“subversão comunista” e a pederastia. À época, o Itamaraty demitiu inúmeros empregados por conta de rumores de pederastia, dentre eles havia cerca de nove diplomatas. Renan Quinalha e James Green (2021) apontam que a homossexualidade era tida como uma ameaça para os bons costumes e para a segurança do país. Tese reforçada em um trabalho solo de Quinalha: “[...] quanto mais fechados e conservadores são o regime político e o governo de plantão, maior a tendência em intensificar modos de controle sobre os corpos e sexualidades” (QUINALHA, 2022, p. 137).

A ditadura brasileira não foi o ponto de surgimento da homofobia no Brasil, ela é uma das heranças de Portugal na forma de uma lei que criminaliza o indivíduo com trejeitos *gays*, lei que foi anulada por Dom Pedro I em 1830, como aponta o *blog online* Empoderadxs (2019)¹⁰. Contudo, o fim da lei não representou o fim do preconceito, e a sociedade não passou a aceitar os homens *gays*. A aversão já havia sido aprendida por gerações como algo errado, visto os “tratamentos” para homossexualidade com isolamento, terapias de choque e injeções de insulina ainda na década de 1930, como apresentado por Green (2019), e que foi retomada durante a ditadura militar que colocou a homossexualidade, tanto masculina quanto feminina, como algo ruim e vergonhoso.

Quinalha (2021) explica como a ditadura exerceu um papel importante no fortalecimento dos estereótipos negativos contra a comunidade. Os atos institucionais números 2 e 5¹¹ (AI-2 e AI-5, respectivamente) possuíram caráter repressivo contra a suposta “subversão” e “[...] combativo contra as ideologias contrárias as tradições do nosso povo”¹², respectivamente. A partir dessa prerrogativa, o regime cortava quadros de programa que apresentasse personagens “efeminados” ou que tivessem “trejeitos”, além de prender, extorquir e torturar qualquer homem que apresentasse sinais de uma orientação sexual dissidente da deles e perseguir jornalistas que apoiassem a chamada “imprensa *gay*” da época. O AI-5 afetou até mesmo a vida de homossexuais, prostitutas e travestis que frequentassem pontos de prostituição e locais de sociabilidade criados pela comunidade pois, um dos cerne dessas políticas sociais ditatoriais foi a intensificação dos estigmas contra a comunidade e o incentivo a “dessexualização” de espaços públicos.

Quinalha (2021, p. 99) ainda aponta que “[...] para além das violências diretas na interdição e no silenciamento das sexualidades dissidentes, o Estado, junto com a Igreja Católica, conseguia irradiar e fazer circular, com elevado grau de legitimidade, normas retrógradas de comportamentos de gênero e sexual”. Essa estigmatização imposta a comunidade teve um efeito contrário ao esperado porque, ironicamente, mesmo com a perseguição sendo intensificada, o número de espaço exclusivamente *gays* aumentou consideravelmente no início da década de 1970, juntamente com o crescimento de movimentos sociais, como o movimento feminista. Cowan (2021) reforça essa visão de potencialidade que surgiu com a aliança de movimentos de grupos culturalmente subjugados, que para o pânico dos grupos repressivos, estava resistindo até mesmo durante os “anos de chumbo”. E foi a partir dessa força conjunta dos movimentos feministas, *gays* e negros, que ainda na década de 70 surgiu manifestações políticas como o Grupo Somos e o “Lampião da Esquina”, fundamentais para conquista de espaço durante a ditadura “hétero-militar”. Contudo, o discurso preconceituoso, não só contra LGBTI+, não foi deixado na época da ditadura, reverberando até as eleições brasileiras de 2022.

2.3 A VEZ DO PRECONCEITO BRASILEIRO

¹⁰ Disponível em: <https://empoderadxs.com.br/2019/05/17/conheca-a-historia-por-de-tras-do-dia-internacional-contra-a-homofobia/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

¹¹ Decretos elaborados por governos militares com intuito de legalizar algumas ações. (Silva, [20--])

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 9 set. 2022

Antes de continuar, é necessário estabelecer qual a visão de preconceito que foi tomada como base, Giddens (2001) aponta o preconceito como sendo “opiniões e atitudes partilhadas por membros de um grupo acerca de outro.” que por diversas vezes são mais baseadas em rumores do que em fatos e denotam resistência à mudança, mesmo com novas informações. O autor ainda apresenta uma concepção estereotipada, fixas e bastante inflexível sobre determinado grupo de pessoas e, mesmo que alguns possam ser reais, são bastante exagerados.

Jair Messias Bolsonaro (Presidente do Brasil entre 2018-2022) sempre foi um político polêmico, nichado, apoiador da ditadura e defensor de torturadores, seus vários mandatos como deputados foram repletos de frases contrárias à democracia, às mulheres, aos negros, aos pobres, aos indígenas, às religiões que fogem ao Cristianismo e, principalmente, contra LGBTI+ como apresentado em matéria online do blog Carta Capital (2018). Uma das frases mais marcantes de Bolsonaro foi feita em 2011, ao falar sobre ter um filho *gay* durante entrevista para a *Playboy*¹³, na época o ainda deputado disse: “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”,¹⁴ esse preconceito foi ainda mais reforçando quando o então deputado falou que vizinhos *gays* desvalorizam o imóvel, como visto em matéria online do blog Terra (2011).

E, se a eleição de um candidato político é a representação da vontade da maioria, a eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente do Brasil, no ano de 2018, representa o ápice da força que o reacionarismo tomou no país. O discurso em defesa da “moral e dos bons costumes”, assim como na época da ditadura, foi um dos pilares do então presidente, Jair Bolsonaro que, como chefe do Executivo, não deixou de atacar grupos LGBTI+, como fez em suas quase trinta décadas de mandato, acusando-os de “destruir valores familiares”, como visto em matéria de Ingrid Soares (2022) no blog Correio Braziliense. Esse discurso preconceituoso, ao não ser punido, encoraja outros pensamentos similares a serem proferidos sem receio de serem ofensivos e dando origem ao que ficou conhecido como “discurso de ódio”. E as consequências disso, se mostraram não muito tempo depois, logo em 2019, com um beijo em uma revista em quadrinhos, como é abordado mais a frente.

3 A CENSURA MORAL DOS LGBTI+

Por muitas décadas, as discussões sobre a comunidade LGBTI+, bem como as representações em meios de comunicação, foram embasadas de forma deturpada, sendo moldadas por grupos privilegiados de forma que reforçavam estereótipos e estratificações hierárquicas que não questionavam o privilégio desses grupos. À exemplo dessa influência, ainda em 2022 é possível perceber homossexuais que, mesmo vivendo sua sexualidade sem demonstrar vergonha de quem são, também reproduzem as mesmas questões estruturais que o oprimem. Isso seria explicado através da teoria Behaviorista do condicionamento que acredita que, segundo Pimenta (2019), “[...] os comportamentos podem ser aprendidos por meio do condicionamento. Isto é, as condições do ambiente têm influência direta no comportamento do indivíduo ou animal.”, uma vez que crescendo em um meio homofóbico, até os LGBTI+ reproduzem o preconceito vivido.

Como apresentado por Renan Quinalha, no especial “Além do Gênero¹⁵” produzido pelo grupo Globo (2020), apenas a presença de homossexuais, prostitutas e travestis, mesmo que nos guetos, era suficiente para incomodar aqueles que se diziam defensores dos bons costumes, e isso incentivou uma perseguição a esses grupos com prisões arbitrárias, extorsões e torturas pelo simples fato de exibirem atitudes dissidentes sem ter vergonha. A censura militar ainda

¹³ Revista de entretenimento erótico voltada para o público masculino

¹⁴ Mais informações disponíveis em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html>

¹⁵ Disponível em: <https://gente.globo.com/a-historia-do-movimento-lgbt-brasileiro/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

Rodrigues (2021) e Quinalha (2021) ressaltam como o *Lampião* foi um eco que potencializou o movimento homossexual à época que, respaldando no slogan militar de um crescimento “lento, gradual e seguro”, defendia que o direito ao prazer fosse “amplo, geral e irrestrito”. Esse jornal de minorias, diferente de seus antecessores, conquistou espaço e, quando apresentou risco de fechamento por falta de arrecadação financeira, foi ironicamente iluminado pela solidariedade de grandes jornais como O Globo, Tribuna da Imprensa, Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Em 1979, o procurador da República Sérgio Ribeiro da Costa, arquivou um inquérito contra o editorial, que acusava os redatores de sofrerem de graves problemas comportamentais, e alegou que “[...] A Lei visa, tão-somente, punir os fatos que ofendem a moral de todos – a moral absoluta – e não a moral de alguns – a moral relativa” (COSTA *apud* QUINALHA, 2021, p.173) e essa, foi uma das primeiras grandes vitórias *gay* contra a censura da imprensa.

3.2 A TELEHISTÓRIA: O PROGRESSO DESFAZ EXPLOSÕES

Para as gerações mais novas, que cresceram com um movimento por igualdade, é estranho ver uma obra sem a representatividade que reflete o mundo. Mas, mesmo que os LGBTI+ sempre tenham existido, eles não foram sempre abordados nesse meio de comunicação que atualmente é presente em tantos lares.

Nos programas televisivos do final do século XX, sejam de auditórios ou teledramaturgias, é possível observar um padrão de pessoas hétero, brancas, em grande parte loiras (que acabavam cumprindo um papel de burras), quase sempre eram magros e as mulheres se submetiam aos homens ou eram restritas ao papel da mocinha indefesa e essa era a receita da televisão que, ao contrário da proposta, não refletia a vida da sociedade. Como apontado por Haddefinir (2021) no blog “Omelete”¹⁹, as primeiras representações LGBTI+ na televisão brasileira foram feitas no teleteatro “Calúnia”, exibido pela TV Tupi no ano de 1963, e foram vividas por Vida Alves e Geórgia Gomide.

Na teledramaturgia do Brasil, os personagens *gays* eram utilizados como predadores chantagistas que, com a década de 1970, começaram a ser assassinos. Era como se a vivência *gay* não tivesse espaço para romances, eram apenas alvos de chacotas e preconceitos, ser LGBTI+ era disseminado como algo ruim em todos os aspectos. Por exemplo, como apresentado por André Bernardo (2020) o personagem tido como a primeira representação de um LGBTI+ nas novelas brasileiras aconteceu em 1970, na novela chamada “Assim na terra como no céu”, por ser em um período de intenso controle do regime militar, o personagem Rodolfo Augusto não era abertamente *gay* e sua sexualidade era apenas sugestionada por ele ser costureiro e viver para produzir desfiles. (disponível em anexo A).

Contudo, apenas em 1995, na novela “A próxima vítima” é que houve um casal *gay* explorado na teledramaturgia brasileira: Jefferson e Sandrinho (Lui Mendes e André Gonçalves) mas, como resposta de um público explicitamente homofóbico, André revelou, anos após a finalização da novela, que ele foi agredido na rua por homofóbicos que confundiram o intérprete com o personagem. A seguir, um quadro com os principais marcos LGBTI+ na teledramaturgia, com dados coletados de matéria da Super Interessante, ressaltando que com exceção da novela “Amor & Revolução”, que foi exibida pelo canal SBT, as novelas citadas foram exibidas:

¹⁹ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/pantanal-peao-gay-heteronormatividade>. Acesso em: 9 dez. 2022.

Quadro 1: Os marcos LGBTI+ na televisão

Ano	Marco	Personagem	Novelas/programa
1970	O primeiro LGBTI em uma novela brasileira	Rodolfo Augusto (Ary Fontoura)	Assim na Terra como no Céu
1981	O primeiro super-herói <i>gay</i> brasileiro	Capitão <i>gay</i>	Viva o gordo
1993	A única intersexual das novelas	Buba (Maria Luisa Mendonça)	Renascer
1995	Primeiro namoro adolescente <i>gay</i> , o ator foi agredido por seu personagem	Jefferson e Sandrinho (Lui Mendes e André Gonçalves)	A Próxima Vítima
1998	Um casal lésbico foi explodido em um shopping devido a alta rejeição	Leila e Rafaela (Silvia Pfeiffer e Christiane Torloni)	Torre de Babel
2001	Primeira personagem transexual, interpretada por uma mulher cis	Ramona (Claudia Raia)	As Filhas da Mãe
2003	Primeiro beijo homoafetivo duas personagens em uma peça teatral	Rafaela e Clara (Alinne Moraes e Paula Picarelli)	Mulheres Apaixonadas
2011	Primeira vítima de homofobia, apanhou até o falecimento	Gilvan (Miguel Roncato)	Insensato Coração
2011	Primeiro beijo lésbico com contexto romântico	Marcela e Marina (Luciana Vendramini e Giselle Tigre)	Amor & Revolução
2013	Primeiro beijo <i>gay</i> romântico	Félix e Niko (Matheus Solano e Thiago Fragoso)	Amor à Vida

Fontes: Revista Super Interessante (2020) e Revista Lado A (2014)

Jô Soares, grande nome da televisão brasileira, também teve um marco na história LGBTI+. Em 1981, em seu programa intitulado “Viva o Gordo”, Jô deu vida à um personagem incomum para a época: o Capitão *Gay*. O personagem foi bem aceito por grande parcela de público pois além de sempre vencer, o que colocava o homossexual com uma perspectiva mais forte e positiva, ele trazia leveza à essa comunidade tão massacrada, como aponta Letícia Perdigão em matéria ao jornal Metrôpoles (2022)²⁰.

Outro dos principais marcos, a explosão do shopping na novela Torre de Babel, foi revisitado pelo autor Silvio de Abreu após dezesseis anos, na novela “Alto Astral”, também exibida na rede Globo, e utilizou a personagem paranormal Samanta, interpretada por Claudia Raia, para avisar as personagens que iria acontecer um desastre no shopping. As atrizes Silvia Pfeiffer e Christiane Torloni foram convidadas para participar dessa referência à cena icônica.

Outro ponto que destaca a força da inserção respeitosa dos LGBTI+ nas mídias, é o *remake*²¹ da novela Pantanal, originalmente exibida em 1990 e sendo refeita entre 2021 e 2022 pela rede Globo. Como apontado por Haddefinir (2022), o personagem Zaqueu possuía apenas uma função na trama original: o escárnio, fato que tentaram corrigir na nova versão da novela. Em 1990, as discussões sobre a comunidade não tinham tanta força e nem eram bem-vistas pela maioria, mesmo havendo inúmeras formas de se relacionar, de viver e existir, ao chegar na televisão, os LGBTI+ eram resumidos em um clichê que impedia o conhecimento da massa sobre a realidade, mas que fazia rir. Não houve muitas mudanças de roteiro, ainda há o homem *gay* em contexto “machão” apaixonado por um hétero. Mas, mesmo que Zaqueu tenha deixado de ser uma figura submissa, ele ainda absorve os trejeitos mais normativos dos outros peões.

²⁰ Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/relembre-capitao-gay-personagem-iconico-de-jo-soares>. Acesso em: 9 dez. 2022.

²¹ Regravação de uma obra audiovisual na qual se produz novamente uma história já conhecida pelo público, dando uma qualidade maior e pequenos, ou nenhum, ajustes de diálogos.

Isso traz dois padrões das novelas mais antigas: a mudança de um homem *gay* para padrões tidos como hétero, e a solidão da figura homossexual ao fim da trama.

3.3 A CONEXÃO DE VOZES QUE POTENCIALIZAM DISCURSOS

A chance de anonimato trazido pelas mídias sociais com a criação de perfis *fakes* ou a alteração por fotos e nomes no perfil, mesmo que não tenham relação com a pessoa real, foram potencializadores na intensificação de discursos, tanto a favor quanto contra qualquer assunto. Ao mesmo tempo, a internet é um ambiente propício para promover ideias, principalmente após a pandemia de coronavírus, que exponenciou o uso desses canais. E dada a importância do debate sobre as necessidades da sociedade, e de grupos específicos como os LGBTI+, era esperado que o debate também passasse a fazer parte dos canais de interação entre pessoas, uma vez que eles se mostram um local que alcance várias pessoas com pouco investimento e é a partir dos comentários *online* que muitas empresas obtêm retorno de suas ações a favor dos LGBTI+, tanto as positivas quanto as negativas, visto como perfis de personas militantes, como Érika Hilton, e o Universolgbti+ recebem ameaças de grupos extremistas (ver figura 9).

Temas como gênero e diversidade fazem parte das questões que são expostas nos canais virtuais para serem debatidas, legitimadas e validadas, como aponta o professor Roberto Mancuzo (2021)²², em matéria para o *blog online* “Escola de Comunicação & Estratégias Digitais”. Por exemplo, o psicólogo Edson Marcelo comenta que o contexto político brasileiro no ano de 2021 é algo complexo e necessário, exercer posicionamentos contribui para a construção de um debate mais humano contra o autoritarismo do governo à exemplo, sua participação em um debate sobre o papel da educação na luta contra a LGBTIfobia (ver figura 3), realizada em ambiente virtual durante a pandemia.

O aumento do uso desse espaço virtual, potencializado pelo distanciamento da pandemia de COVID-19, no ano de 2020, também abriu portas para que a comunidade LGBTI+ e seus apoiadores começassem a utilizar as popularizadas *lives* em diferentes plataformas, não apenas como forma de entretenimento, mas como uma forma de aumentar o alcance do debate político referente a comunidade, como aconteceu com as Paradas do Orgulho LGBT dos anos de 2020 e 2021, e também como foram feitas por influenciadores como a, agora eleita, deputada Erika Hilton, as artistas Pepita, Pablio Vittar, Gloria Groove, além de figuras do âmbito político como Jeff Nascimento, coordenador de Pesquisa e Incidência em Justiça Social e Econômica da Oxfam Brasil e Symmy Larrat, “presidenTRA²³” da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).

Figura 3: Uso da internet para promover discursos pró-LGBTI+



Fonte: Escola de comunicação & estratégias digitais (2021)

²² Disponível em: <http://facopp.unoeste.br/facopp/o-posicionamento-e-o-debate-racional-nas-redes-sociais-crecem-diante-a-ascensao-do-negacionismo/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

²³ O termo faz referência à “presidenta” utilizado por Dilma Rousseff enquanto presidiu o Brasil (2011-2016) e a abreviação de travesti.

Nessa “conquista” do espaço virtual, percebeu-se um ambiente favorável também para debates sobre a luta legislativa LGBTI+, como realizado pela Ordem dos Advogados de São Paulo, no ano de 2022, sobre a violência que o sistema de justiça do Brasil comete historicamente contra a comunidade²⁴.

4 ANÁLISE DO DISCURSO: HERANÇA IDEOLÓGICA

O combate ao discurso LGBTIfóbico passou por diversos eventos e nunca obteve um resultado que impactasse toda a crença social, houve vários discursos pró e contra a pauta de sexualidade que influenciaram representações e crenças ao longo dos anos. Para realização da análise de discurso, foram selecionados recortes temporais que exemplificam a influência do meio na sociedade partindo de um conceito elaborado por pesquisadores da Universidade de *Stanford*, que aponta que “as pessoas tendem a acreditar no que confirma suas crenças pré-existentes e a desconfiar do que se choca com elas.” (CARVALHO, 2019), isso ajuda a entender por que algumas pessoas acreditariam inocentemente em narrativas que apontam os LGBTI+ como destruidores da família tradicional ou que os classificam como pecaminosos e contrários às vontades de Deus.

Como apontado pela promotora Claudia Ferreira M. Dowell, durante palestra transmitida pelo canal do *Youtube* da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de São Paulo (2022)²⁵, sobre o sistema de justiça e a violência contra LGBTI+, “[...] nós vivemos em uma sociedade originalmente estruturada para privilegiar o homem branco, hétero e cisgênero, sendo culturalmente racista, sexista, LGBTIfóbica”. Isso se reflete na sociedade brasileira que se torna preconceituosa “não por maldade genuína, mas por serem privilegiados”, como dito por Renan Quinalha (2022), ao citar Chimamanda Ngozi Adichie [20--], durante a mesma palestra. Essa visão privilegiada é apenas o reflexo de uma sociedade que, ainda em 2022, reproduz um discurso tão ideológico, e aqui, toma-se por base o conceito ideológico:

[...] significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117 *apud* RAMALHO; RESENDE, 2013, p. 47).

Para entender as consequências que se observam em 2022, esta pesquisa optou por entender como foram os discursos ao longo das últimas seis décadas (1960-2022). E, como citado anteriormente, a década de 1960 foi a época com repressão mais eficaz contra publicações que citassem os homens e as mulheres homossexuais. Contudo, retomando a dualidade cultural do Brasil, que ao mesmo tempo reprime e reproduz, Parker (2022) traz o depoimento de homens que viveram a infância nessa época e que, mesmo com esse combate às práticas homossexuais, interagiam sexualmente com amigos e vizinhos como forma de se mostrarem mais másculos que os outros garotos.

4.1 HISTÓRIAS QUE SE REPETEM

Mesmo com a luta da comunidade LGBTI+, por respeito como membros da sociedade, e a conquista de alguns espaços midiáticos, como o “Lampião da Esquina”, a década de 1980 trouxe um marco que impactou essa luta e fortaleceu o discurso preconceituoso até os tempos atuais: a epidemia da AIDS. O jornalismo foi determinante para a construção discursiva contra *gays*, associando o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV²⁶) e a AIDS com as práticas

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/MSZIEK1YI6U>. Acesso em 9 dez. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://youtu.be/MSZIEK1YI6U>. Acessado em: 9 dez. 2022.

²⁶ *human immunodeficiency vírus*, no idioma original

homoafetivas e homossexuais. Algo semelhante ocorreu no ano de 2022, quando o presidente da Organização Mundial da Saúde (OMS), recomendou que homens que tivessem relações sexuais com outros homens e profissionais do sexo reduzissem o número de parceiros, houve críticas ao anúncio pois frase possibilitou uma dubiedade na qual muitas pessoas, assim como na crise de HIV/AIDS, acreditassem que apenas *gays* e bissexuais contrairiam o vírus e gerasse notícias falsas sobre o tema, como é possível ver em matéria de Roney Domingos (2022)²⁷, no portal de notícias G1.

Analisando as escolhas narrativas das matérias jornalísticas na década de 1980, é possível apontar duas vertentes: um enquadramento narrativo por designação pois criava um conceito de causalidade que foi bem aceito à época, afinal, se alguns homens *gays* contraíam o vírus HIV ou a AIDS, logo, essa doença à suposta promiscuidade homossexual, que segundo crenças que permeiam a sociedade até hoje, possuem inúmeros parceiros, diferente dos heterossexuais. E a segunda vertente, o apelo ao medo, uma vez que os homens *gays* estariam fadados à essa doença fatal, a sociedade devia ter medo de ser como eles ou de se relacionar com eles, pois Deus já os teria castigado. Assim, visto que uma das marcas da epidemia no Brasil foram as nomenclaturas de “Peste *gay*” e “câncer *gay*”, é aberta uma margem de questionamento do porquê de, ao contrário de outras citações aos *gays*, não ter sido censurada pela ditadura militar.

Para o primeiro momento da análise, a montagem a seguir (figura 5) traz uma coletânea de notícias veiculadas nesse período, nelas é notável uma formação discursiva que constrói a doença como algo horrível, relacionando-a com outras doenças tidas como fatais, como o câncer e a lepra, mas sendo algo exclusivo de homens que se relacionam com homens, como na manchete que diz “Atenção bissexuais/ faça sua escolha: ela ou ele/ não seja o transmissor da AIDS”. É essencial considerar o contexto da época no discurso, não havia muita recomendação de métodos de prevenção sexual e, de fato, o grande número de acometidos era homossexuais e bissexuais masculinos (71%, segundo Brito; Castilho; Szwarcwald²⁸), mas, ao analisar as consequências desse discurso atualmente a partir de dados de pesquisas publicados em matéria *online* do Gayblog (2019), entre 2007 e 2019, mais heterossexuais contraíram o vírus. O *blog* aponta que estudo indicam que dentre 248.520 brasileiros com o vírus, 105.014 são homens que tem relações sexuais com outros homens e 143.506 são heterossexuais (sendo 64 mil de homens e 79 mil de mulheres).

Contudo, em 2021, foi possível perceber como o medo do HIV e da AIDS ficaram estabelecidos e estigmatizados, não apenas como uma doença que acomete homossexuais, pois em um ato de ataque às vacinas contra corona vírus para desestimular a população a se vacinar, o então presidente Jair Bolsonaro reproduziu uma falsa notícia veiculada por um canal negacionista, de que as vacinas causariam AIDS, segundo notícia de Thais Arbex, no portal CNN Brasil (2021).

²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/08/11/e-fake-que-diretor-da-oms-recomendou-isolar-homossexuais-para-evitar-transmissao-de-variola-dos-macacos.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2022.

²⁸ AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada (2001). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/>.

Figura 5: O mal do século, é gay



Fonte: Museu da Diversidade Sexual (2021)²⁹, colagem nossa.

Porém, os impactos desse preconceito não se limitaram a estigmatizar a vida de LGBTI+ do século XXI. Mesmo durante os anos de 1980, não demorou para que o preconceito virasse uma ação perigosa, motivada pelas manchetes de teor apocalíptico sobre a AIDS. Começaram a surgir corpos de homens *gays* e travestis que, segundo a coletânea do Museu da Diversidade Sexual (2021), foi bastante motivado pelo sensacionalismo envolvendo as relações homossexuais e o HIV, o caso ficou conhecido como “temporada de caça” e, com base em áudios resgatados na coletânea, as mortes tinham apoio de parte da população pois os LGBTI+ estariam sujando as ruas (informação verbal). Esse discurso preconceituoso não se resumia à classe popular, um trecho do documentário “Temporada de Caça” (1988), produzido por Rita Moreira, trouxe um vídeo de uma mulher lendo a seguinte matéria: “[...] A guerra de Jânio contra os homossexuais está fazendo escola: o adesivo que anda circulando nos automóveis paulistanos é, no mínimo, estarrecedor: Mate um Paulo Ricardo hoje e evite um Ney Matogrosso amanhã.”, demonstrando como até nos meios informais, o preconceito estava naturalizado. Algo parecido viria a acontecer na década de 2020. Tanto em 2021³⁰ quanto em 2022³¹, criminosos utilizaram o aplicativo Grindr³² para atrair homens *gays* para roubar, e até mesmo matar.

²⁹ Disponível em: <https://g.co/arts/Vg3J1DYaHFDBCTR>

³⁰ Mais informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/na-mente-de-um-serial-killer-entenda-como-agiu-o-homem-que-matava-gays-em-curitiba.shtml>

³¹ Imagem à direita da Figura 6

³² Aplicativo disponível para celulares para promover encontros românticos ou sexuais entre homens.

Figura 6: A temporada de caça



Fonte: Museu da Diversidade Sexual (2021) e Instagram “Universo LGBTI” (2022)³³.

Por mais que os casos acontecem de maneiras diferentes, ambos refletem um mesmo fator nocivo em uma sociedade: o discurso contra LGBTI+ penetra tanto na sociedade que há quem sequer tenha pudor de matar, ou assumir os ataques contra a comunidade. Como em junho de 2021, quando uma travesti foi queimada viva por adolescentes ou quando outra, em janeiro de 2019, teve seu coração arrancado por um homem que dizia que ela era um demônio³⁴.

4.2 A FABRICAÇÃO DO SENTIDO SOCIAL

A mídia ocupa um lugar significativo na sociedade, promove discussões importantes e reflexões essenciais para o debate público e o tempo deu novas formas e utilidades para ela. A mídia fornece acesso aos fatos que acontecem na realidade, criando o mundo empírico, como aponta Arão e Silva (2013). Mas além disso, principalmente a mídia audiovisual, se tornou um ambiente que reflete a realidade e aborda debates do seu momento de produção, sendo influenciado pelo contexto social e influenciando a sociedade. E o debate sobre a comunidade LGBTI+ não é uma exceção à regra.

Com a censura imposta pelo regime militar, o termo *gay*, ou qualquer associação aos homossexuais era vetada na televisão com intuito de impedir a disseminação do termo para que a sociedade não achasse algo normal e isso também ocorreu por meio das telenovelas. Na novela *Brilhante*, exibida entre 1980 e 1981, a censura impedia que qualquer abordagem sobre LGBTI+ e, o máximo que os escritores podiam fazer, era citar que o personagem Inácio tinha “problemas sexuais”³⁵. Isso não mudou com o fim do regime, visto que, em 1988, na novela “Vale Tudo”, na qual o Departamento de Censura proibiu a abordagem de personagens lésbicas, mas permitiu que personagens usassem maconha, demonstrando as prioridades da “moral” e dos “bons costumes”.

Essa exclusão da vivência homossexual na televisão criou uma noção coletiva que não se pode falar de homossexualidade, que é errado viver dessa forma, potencializando discursos de “moralidade X imoralidade” ou “puro X pecador”. Com ideais que defendem relações homoafetivas como erradas, mais pessoas se sentiram confiantes o suficiente para agredir até mesmo atores e escritores de novela. Como apresentado no quadro 1, o primeiro namoro entre personagens do mesmo gênero ocorreu apenas em 1995, na novela “A próxima vítima”, após

³³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjhIw4gtJpO/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 9 dez. 2022.

³⁴ Matéria disponível no portal G1: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-presos-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml>

³⁵ Fonte original não identificada, dados retirados de coletânea do YouTube “Matando Matheus A Grito”. Disponível em: <https://youtu.be/LLlqKVYTpzc>. Acesso em: 9 dez. 2022.

anos da luta LGBTI+ por respeito e igualdade e com mais representações de homossexuais na mídia, foi revelado em matéria de André Bernardo, na revista *Super Interessante* (2020) que o autor e um dos atores foram agredidos por conta de o personagem ser *gay*.

Conforme a comunidade LGBTI+ conquistava mais espaços no debate da esfera pública e mais pessoas passavam a defender que homossexuais mereciam direitos, as mídias perceberam que era hora de inseri-los em suas obras, mas ainda havia ressalvas.

O século XXI de fato trouxe mais *gays* para as telas, mas suas participações se restringiam à núcleos cômicos ou vilões de novelas. Esse era o discurso da vez e que ressurge ainda em 2022, um preconceito foi travestido de aceitação: ou a sociedade ri dos trejeitos do homem *gay* ou aceita ele fazendo maldade. Na simbologia, lê-se em entrelinha como o homem *gay* deve ser inferiorizado como uma piada para a “família tradicional” e distanciado da realidade dela para que seja “aceito” ou então ele deve ser um vilão que representa a maldade, sendo aquilo que a “família de bem” deve se afastar. E há um exemplo perfeito nesse discurso: Félix, personagem da novela “Amor à Vida” interpretado por Matheus Solano em 2013. No início da trama Félix era um vilão que entrou na esfera “amo odiar” do público, após a revelação dele ser *gay*, o personagem passou a reproduzir diversos trejeitos estereotipados e isso divertiu o público, colocando-o cada vez mais como alívio cômico da trama. Mas isso não significou aceitação de LGBTI+, visto que em 2015, um casal de idosas lésbicas da novela *Babilônia*, que não eram vilãs nem alívios cômicos, teve uma alta rejeição do público. E isso demonstra como havia limites na aceitação da representatividade LGBTI+ por parte de algumas pessoas, levado a outro ponto: a maior parte da representatividade audiovisual, e que possuem maior repercussão, são os homens *gays*. Esta pesquisa ressalta a discrepância da voz de homens *gays* para mulheres lésbicas, ou mesmo pessoas bissexuais e transexuais, ainda há muito preconceito social em diferentes meios, mas a figura do homem *gay* têm uma taxa de repercussão positiva muito maior na mídia, principalmente em dois casos: quando este segue o padrão de beleza de ser magro ou malhado, jovem, branco e de olhos azuis ou verdes, e isso o faria parecer mais másculo e viril; ou quando possui trejeitos muito chamativos, sendo este mais voltado ao motivo de piada por seguir o estereótipo negativo sobre *gays* pois “[...] os homens femininos servem para reforçar os padrões de masculinidade hegemônica, considerando que são exemplos de como um homem másculo não deve se portar, não deve ser e de qual modelo de referência não pode se afastar (SEFFNER, 2003 *apud* NASCIMENTO; MOURA, 2021, p. 4), desta forma a repercussão “positiva” se dá na associação da figura afeminada a algo pejorativo.

E é referente ao segundo cenário que esta pesquisa relembra da dualidade entre a aceitação de Gil do Vigor, Lucas Penteadó e Lumena Aleluia, participantes da 21ª edição do *reality show*³⁶ *Big Brother Brasil*³⁷ (BBB21) e Vinícius, participante da 22ª edição do *reality* (BBB22) (fotos disponíveis em anexo B). Enquanto Gil era um participante mais alegre, que exibia muito mais trejeitos como as representações caricatas de *gays* no início dos anos 2000, e isso agradava o público, a participante Lumena, uma participante mais militante (e considerada exagerada no discurso), foi criticada durante toda sua participação, de Lucas, que ao beijar o Gil foi duramente criticado por estar “querendo chamar atenção”, Lucas foi um participante mais sério e se envolveu em polêmicas durante a edição. Já com Vinícius, participante do BBB 22, houve ataques que insinuavam que ele estaria tentando copiar o Gil do Vigor para conquistar o público (informação verbal), isto denota crenças que tentam resumir os *gays* a uma única forma de agir, anulando a pluralidade de personalidades para tentar encaixar todos à uma única: a afeminada com trejeitos chamativos que por muitos anos foi piada em rede nacional.

³⁶ Programa televisivo que busca apresentar a realidade, com pessoas agindo como agiriam em sua vida cotidiana

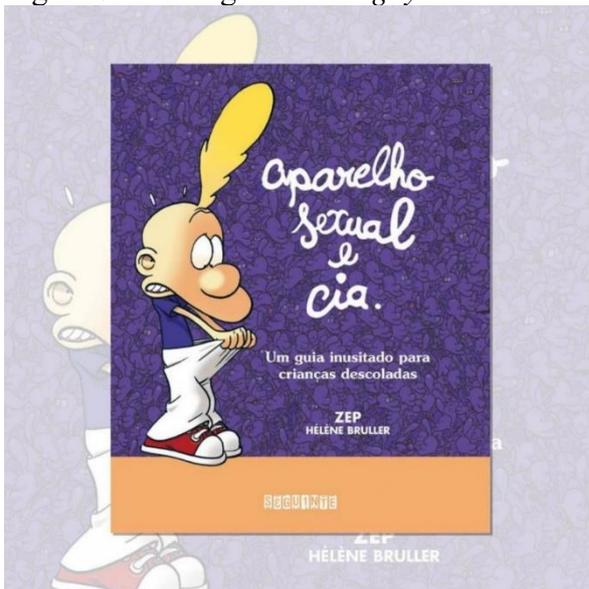
³⁷ Grande Irmão Brasil, tradução nossa. Um programa multiplataforma que confina pessoas em uma casa sem acesso à informações do mundo exterior e o público é responsável pelos resultados de eliminação e campeão.

4.3 ENTRE O BOM E O MAU: O PÂNICO MORAL

A terceira, e mais recente, vertente discursiva que será analisada é o pânico moral através da criação de um inimigo que deve ser combatido, seja pela pureza das crianças ou pela conservação da família tradicional. Mesmo sendo um discurso mais perceptível na sociedade brasileira após o ano de 2016, ele retoma muitos conceitos que eram do suposto conservadorismo militar, trazendo as ideias reacionárias como algo “natural” e “de bom senso” enquanto as pautas de identidade e sexualidade como “imorais” e “perversas”, como na tentativa de Marcelo Crivella de censura um beijo *gay* (figura 8) e nas ações de Damares Alves e Jair Bolsonaro, abordados a seguir.

Em 2018, com a corrida presidencial em curso, observa-se uma expansão exponencial desses ideais chegando até mesmo à criação de notícias falsas para desmoralizar um grupo político que defendiam projetos mais liberais e progressistas. Dentre as mais famosas, estava a de que o Partido dos Trabalhadores (PT) teria um “kit *gay*” que seria levado às escolas para doutrinar as crianças para que elas fossem corrompidas, sexualizadas e se tornassem homossexuais. Na realidade, o livro que diziam ser parte do “kit *gay*” era um livro francês escrito por Hélène Bruller e ilustrado pelo cartunista suíço Zep que visava ser uma forma de educar os pré-adolescentes e adolescentes sobre seus corpos. Na mesma época, circulavam rumores de uma suposta mamadeira em formato fálico que seria dado às crianças também com intuito de sexualizar e torná-las homossexuais.

Figura 7: O famigerado “kit *gay*”



Fonte: Estadão (2018)³⁸

Contudo, essa linha discursiva, além de supostamente colocar a homossexualidade como inimiga da inocência infantil, convergiu com outra linha que também embasou uma disputa entre bem e mau com os LGBTI+: o fundamentalismo. Cunha (2020) aponta o fundamentalismo como uma linha de pensamento que denota uma rígida obediência à princípios pré-estabelecidos. Retomando o contexto militarista após década de 1960, nota-se que o fundamentalismo já era uma das bases argumentativas para a “defesa da moral e dos bons costumes” e, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, essa retórica retorna com tanta força quanto nas décadas passadas, apoiada ao fanatismo.

³⁸ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/tse-determina-remocao-de-videos-em-que-bolsonaro-cita-kit-gay/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

Essa força do discurso reacionário, com ataques nem tão velados à comunidade LGBTI+, a agenda dos costumes se tornou palco de inúmeras discussões a partir de 2019. Logo na primeira semana do novo governo, a ex-pastora e então ministra da Família, Mulher e Direitos Humanos, Damares Alves, proferiu a famosa frase “menino veste azul e menina veste rosa”, alegando posteriormente ser em oposição à suposta ideologia de gênero. No mesmo ano, a ex-pastora, se reuniu com um grupo que se diz ser ex-gay e que apoiava as falácias de terapia de conversão sexual, desaprovadas por conselhos de psicologia. Foram diversos casos semelhantes a esses que fizeram a senhora Damares Alves tão popular no discurso da pauta “conservadora” que buscou promover o pânico moral e a fizeram ser eleita senadora em 2022.

Com a força reacionário em destaque, outros nomes surgiram na luta da “defesa da inocência das crianças”, como o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella³⁹, que em 2019, o então aliado do presidente Jair Bolsonaro manda censurar uma história em quadrinhos da editora *Marvel Comics* por conta de um único detalhe: um beijo entre dois personagens adolescentes que formavam o casal Hulkling e Wiccano (figura 8). Segundo o prefeito, o beijo estaria sexualizando criança, novamente recorrente à estratégia de cria um pânico moral para defender as crianças de algo que não há dados ou notícias de ocorrer quando é entre um menino e uma menina.

Figura 8: Um beijo de milhões



Fonte: Folha de São Paulo, foto retirada do Google (2019)⁴⁰

O inimigo em comum, assim como na época da ditadura, foi utilizado para movimentar grupos mais reacionários que acreditam que as coisas que divergem da crença deles é errado e que faz mal para eles e para seus filhos. Não há uma ameaça real, mas é significativamente mais fácil se promover quando você luta contra um inimigo, nesse caso, contra a existência dos LGBTI+. E, de forma implícita, essa pauta aparece na campanha de segundo turno do candidato à reeleição Jair Bolsonaro, na qual diz querer “[...] proteger a inocência das crianças”⁴¹, que não estava ameaça.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – A FORÇA DOS “BONS COSTUMES”

³⁹ Mandato de 2017 a 2020.

⁴⁰ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/QA3dyGKjr7BG6m8Q6>. Acesso em: 9 dez. 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://youtu.be/kr5jfEG6b6w>. Acesso em: 16 out. 2022.

Grupos sociais desenvolvem costumes porque, ao longo do tempo, são expostos a informações repetidas por diversas formas de comunicação e, em casos como a LGBTIfobia, o discurso é moldado pela necessidade de combater um inimigo como forma de justificar suas ações: “O viés de confirmação é a forte tendência humana a buscar e privilegiar informações que estejam de acordo com suas crenças pré-estabelecidas, pouco importando se tais informações são verdadeiras ou não.” (CARVALHO, 2019), foi assim na ditadura militar e ainda é com o governo extremista e intolerante de Jair Bolsonaro, que ironicamente é repleto de militares. Esse mesmo discurso, que coloca os LGBTI+ como inimigos, ainda teve força nas eleições brasileiras de 2022, em exemplo o agora eleito deputado federal Nikolas Ferreira foi o candidato com maior número de votos para deputado federal⁴², vindo de uma popular sequência de transmissões ao vivo no *TikTok* nas quais, junto com outros dois nomes do fundamentalismo religioso jovem, dizia debater com uma quarta pessoa que é oposta as coisas que eles dizem defender. Isso pode ser lido como um reflexo de falácias que atacam LGBTI+ e que demonstram como parte da sociedade acredita nas narrativas inventadas para atacar a comunidade LGBTI+ e como a coragem para se oporem aos direitos da comunidade e potencializar ataques foi revitalizada, visto que há muito mais notícias relatando homofobia de grupos reacionários, como no ataque por meio de exposição de dados que o perfil de *Instagram* Universolgbti+ sofreu (ver figura 9).

Figura 9: A crescente da violência



Fonte: *Instagram* Universo LGBTI+ (2022)⁴³

"Três grandes estigmas marcaram a identidade homossexual: sexualidade, loucura e crime. A partir desse triplo estigma foram aplicadas práticas sociais disciplinadoras como o internamento, a terapia e a prisão." (MISKOLCI, 2007, p. 5). E de fato, o Brasil sempre teve um histórico preconceituoso contra LGBTI+, com leis que condenavam as práticas homoafetivas na regência de Portugal, período bastante católico, passando por um breve tempo com a queda criminalização por Dom Pedro I até que a ditadura retomasse o preconceito como

⁴² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911272-nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-votado-do-pais-com-147-milhao-de-votos/>. Acesso em 25 out. 2022.

⁴³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CkPEgtrLsqJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 9 dez. 2022.

uma defesa da “moral e dos bons costumes”, assim como o movimento reacionário em 2018. Em todas as épocas, a base para o preconceito foi a mesma: era preciso defender os bons costumes como era ordenado pelos mandamentos divinos. Mas, como citado por Bimbi (2017) as escrituras sagradas não foram feitas originalmente em português brasileiro, tampouco em um único idioma, e isso impacta em diferentes contextos e possíveis transcrições moldadas para outras realidades, por exemplo, o termo “abominação” repetidamente utilizado para ataque aos LGBTI+, originalmente era *toevah*, uma palavra hebraica que significa impuro e que para os judeus, era algo semelhante a comer carne de porco, sem estabelecer algo como puramente mau ou errado. Somando-se a isso, as mesmas pessoas que usam a Bíblia sagrada para “explicar” seus preconceitos, praticam outras coisas que as escrituras condenam, mostrando assim que não são embasadas por preceitos religiosos e até demonstrando uma certa seletividade de crenças que busca velar o preconceito por trás da suposta moralidade.

Contudo, outra coisa também se repetiu nos mesmos momentos e que talvez ajude explicar como a LGBTIfobia se mantém viva: quem fortalece esse discurso, é quem está no poder. Assim, retomando o pensamento de Chimamanda [20--]⁴⁴ de que aquilo que faz com que o preconceito se mantenha vivo é o privilégio que um grupo quer manter sobre o outro e que dialoga com uma fala da Erika Hilton (2022)⁴⁵ na qual ela explícita que essas falas reforçam a permanência da precariedade de grupos que estão além destes privilegiados pela história e pelo poder pois, se existem 90% das mulheres trans e travestis se prostituindo é porque são os pais das famílias tradicionais que pagam elas. E essa marginalização, essa defesa da "tradição", é o que mantém esse grupo em situação de escória para que os poderosos se deleitem nos privilégios enquanto eles vivem do desejo e do prazer, sem ter que conviver com esse grupo.

Desta forma, observa-se que a disseminação da LGBTIfobia é um processo que acontece há muitas décadas e que repetidamente foi promovido por quem detinha o poder legal, comunicativo e que denota grande popularidade. A população brasileira se mostrou muito religiosa, principalmente a partir dos anos 2000 com o considerável aumento de templos religiosos, com isso, falsos religiosos se aproveitavam dessa fé para manipular a população com base no ódio e no medo e esta, por sua vez, absorvia o que lhe era falado, muitas vezes porque foi aprendido dessa forma e por acreditarem que as mídias não mentiriam para o povo. Vários fatores foram relevantes no fortalecimento da LGBTIfobia: a honra da coroa portuguesa, a fé, a palavra de líderes religiosos, o medo do inimigo, a moral das forças armadas, a doença como forma de punição divina e até a inocência infantil. Estes são fatores que influenciavam e que ainda tem força para influenciar muitas pessoas reacionárias, que acreditam defender um conservadorismo dos valores tradicionais, pois elas buscam se manter em uma zona de conforto, sem riscos ou ameaças para suas vidas e isto é natural do ser humano. É isto que esta pesquisa compreende, a opressão aos demais grupos se dá porque, estando do lado do opressor, ele não perderá sua zona de conforto sendo o oprimido. O reacionarismo, sendo uma corrente mais agressiva que o conservadorismo, mesmo que também se diga voltado para costumes tradicionais, em sua maioria é contra a diversidade sexual e de gênero, pois foge da sua zona de conforto, trazendo “ameaça” ao seu mundo. E seguindo a lógica de buscar estabilidade, o oprimido (gay) se junta ao opressor (reacionários) para que dessa forma ele não sofra, mesmo que isso signifique atacar quem lhe é igual.

E, tomando por base a percepção de que quem comandava essa linha defesa da tradicionalidade era quem detinha influência e a confiança do povo, é possível estabelecer a conexão do complexo regime regulatório que foi criado com a consciência de que os LGBTI+ são dissidentes negativo do normativo, tal qual aponta Quinalha (2022) e que gera comentários carregados de preconceito, que vez ou outra tenta se passar por amistosos.

⁴⁴ Sem fonte original. Informação verbal citada por Renan Quinalha em live da OAB São Paulo (2022)

⁴⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/ChwtK0UA4Yw/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 25 out. 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – PARA DIAS MAIS COLORIDOS

Nesta pesquisa foram realizados levantamentos bibliográficos de materiais que contam a história do movimento LGBTI+, das suas lutas contra a opressão e de discursos que não só se opunham à comunidade, mas que também a moldava como um inimigo que deveria ser combatido. A construção da análise foi iniciada contextualizando diferentes momentos do país para os LGBTI+ após o início do regime militar baseado na teoria de que as comunicações e aquilo que é comunicado são influenciados pelo tempo e pelo contexto sociocultural da época, para que assim fosse feita a análise de discursos explorando três vertentes: a polarização do bom e do mal, a criação de um inimigo na figura do homossexual e a retomada destes preceitos com o pânico moral contemporâneo. Os materiais foram coletados de diferentes épocas e mídias para ressaltar como o discurso foi disseminado socialmente e se fez presente de diversas formas.

Foi possível concluir que o preconceito ainda acontece porque inúmeros fatores existiram sucessivamente de forma que fossem fixados na mente das pessoas e estas, por sua vez, transmitiam suas crenças a frente na educação de seus filhos. Fazendo com que o preconceito fosse enraizado psicologicamente em diferentes grupos com uma mesma base. As consequências disso se vê no homem agredido com lâmpada fluorescente por ser *gay*, na travesti que tem seu coração arrancada por um jovem de vinte anos, no menino baleado enquanto frequentava o barbeiro pois namorava um outro jovem, mas principalmente, se vê nos discursos políticos e ideológicos que retomam cada vez mais força, com o mesmo pretexto das outras vezes, mas agora com o advento da tecnologia e possibilidade de criarem notícias falsas.

Em suma, pode-se dizer que esta pesquisa atingiu os objetivos propostos visto que durante o desenvolvimento foi possível entender alguns dos principais fatores político-sociais que moldaram discursos moralistas que foram a base do preconceito de muitas pessoas, além de ditaram como era criada a imagem social dos LGBTI+, majoritariamente os homens *gays*, a partir da inserção em contextos comunicativos. Com base nessas informações, pode-se entender como o preconceito de décadas passadas passou por manutenções que o fizeram permanecer nas crenças coletivas, influenciando até contextos mais recentes, como a corrida eleitoral de 2022.

A LGBTIfobia é um tema com diversas vertentes, então, para pesquisas futuras, sugere-se investigar discursos focado em personas como Damares Alves e Jair Bolsonaro e o impacto que tais personas causam no âmbito social e seu papel na representatividade reacionária travestida de conservadora. Além disso, também sugere-se analisar as ações e discursos do presidente eleito em 2022 para com a comunidade LGBTI+, como eram seus posicionamentos antes de ser eleito, como age/ageu durante o mandato e como ele impactou o discurso social na questão da comunidade LGTI+. E recomenda-se ainda, um estudo sobre campanhas realizadas por grandes marcas durante o mês do orgulho LGBTI+, avaliando contextos e história de algumas marcas para entender o que é feito genuinamente para apoiar a causa e o que é feito para lucrar acima da comunidade, como no chamado *pink money*⁴⁶.

Por fim, uma frase muito importante para a comunidade LGBTI+, dita pela Drag Queen mais famosa do Mundo, no clipe audiovisual da música “Indestrutível”: “[...] Tá na hora de transformar o preconceito, em respeito. De aceitar as pessoas como elas são, e querem ser. De olhar na cara da homofobia e dizer, eu sou assim! E daí?” (VITTAR, 2017). Com a eleição de 2022 que deu a Luís Inácio Lula da Silva, o terceiro mandato como presidente da república (2023-2026), e uma bancada de deputados levemente mais diversa, espera-se que a comunidade encontre um país mais amistoso e com maior incentivo ao combate à LGBTIfobia, principalmente com mais leis que ajudam na garantia da igualdade social. Dessa forma, espera-

⁴⁶ Segundo a Rock Content é uma expressão utilizada para se referir ao poder de compra da parcela da população que se identifica como parte da comunidade LGBTI+. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/pink-money>. Acesso em: 9 dez. 2022.

se que, como na fala da artista, esta pesquisa ajude a refletir sobre as causas “irracionais” da LGBTI+ e incentive novos estudos sobre a LGBTI+ que possam embasar mudanças sociais e legislativas a favor da igualdade e respeito para todos ou que busquem entender visões conservadoras e progressistas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro. **O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga:**

Faces da História, v. 4, n. 2, p. 58–72, 2018. UNESP. Disponível em:

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271#:~:text=Na%20Gr%C3%A9cia%20Antiga%2C%20o%20relacionamento,militar%20e%20at%C3%A9%20mesmo%20sexual.> Acesso em: 12 maio 2022.

ARBEX, Thais. **Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids.** CNN Brasil, 3 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contra-covid-a-aids/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

BASTOS, Neusa Barbosa; CASAGRANDE, Nancy dos Santos. **Análise do discurso:**

pressupostos teóricos em foco. In: BASTOS, Neusa Barbosa; CASAGRANDE, Nancy dos Santos (Orgs.). A análise do discurso: perspectivas em distintos campos discursivos. São Paulo, SP: Líquido Editorial, 2021. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/A_An%C3%A1lise_do_Discurso/y_JPEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 9 dez. 2022.

BELIN, Matheus de Oliveira. **História da homossexualidade no Brasil:** abusos,

perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+. Ânima educação, 2020.

Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16212>. Acesso em: 27 set. 2022.

BERNARDO, André. **Infográfico:** evolução dos personagens LGBT nas novelas, ano a ano.

Super, 14 de fev. 2020. Disponível em: [https://super.abril.com.br/mundo-](https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/)

[estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/](https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/). Acesso em: 30 set. 2022.

BIMBI, Bruno. **O fim do armário:** Lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI.

Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2017. Título original: El fin del armário.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; Szwarcwald, Célia Landmann. AIDS e infecção HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 34, n. 2, p. 207-217, 31 maio 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/>. Acesso em: 17 out. 2022.

BORTOLOZZI, Remom Matheus; SILVA, Matheus Emílio Pereira da. **Memórias de uma epidemia:** Imagens da aids e mídia. Museu da Diversidade Sexual. Disponível em:

<https://g.co/arts/Vg3J1DYaHFDBCTR6A>. Acesso em: 30 set. 2022.

BRASIL. **Ato Institucional nº 5**, de 13 de dezembro de 1968. Portal da legislação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 9 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 5.250**, de 9 de fevereiro de 1967. Portal da legislação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15250.htm. Acesso em: 20 set. 2022.

CARVALHO, Davi. **Por que as pessoas acreditam em fake News, segundo a psicologia social**. Política na cabeça, Série- fake News, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/politicanacabeça/2019/06/25/fake-news-por-que-as-pessoas-acreditam-em-noticias-falsas-segundo-a-psicologia-social/>. Acesso em: 23 out. 2022.

CASTILHO, Pedro Henrique Mendes. **Postagem sobre Bienal do Livro do Rio de Janeiro**. Instagram @hmcpedro, 7 set. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B2HhwLhAvzu/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 17 out. 2022.

CIMINO, James. **Em “Vale Tudo”, censura vetou falas de lésbicas, mas liberou maconha**. OUL tv e famosos, 15 jan. 2013. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/15/em-vale-tudo-censura-vetou-dialogos-de-lesbicas-mas-liberou-cena-de-maconha.htm>. Acesso em: 17 out. 2022.

COSME, Marcelo. **Talvez você seja...** Desconstruindo a lgbtifobia que você nem sabe que tem. São Paulo, SP: Editora Planeta do Brasil, 2021.

COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar**. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. 4ª. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 57, p. 1137, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-1981-7120>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DOEDERLEIN, Natalia; XAVIER, Luiz Gustavo. **Nikolas Ferreira é o deputado mais votado do País com 1,47 milhão de votos**. Câmara dos Deputados, 2 out. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911272-nikolas-ferreira-e-o-deputado-mais-votado-do-pais-com-147-milhao-de-votos/>. Acesso em: 23 out. 2022.

DOMINGOS, Roney. **É #FAKE que diretor da OMS recomendou isolar homossexuais para evitar transmissão de varíola dos macacos**. G1 Notícias, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/08/11/e-fake-que-diretor-da-oms-recomendou-isolar-homossexuais-para-evitar-transmissao-de-variola-dos-macacos.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2022.

EMEDIATO, Wander. **A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa**. In: EMEDIATO, Wander (Org.). A Construção da Opinião na Mída. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

EMPODERADXS. **Conheça a história por de trás do Dia Internacional contra a Homofobia.** Empoderadxs - Informação é Poder! 17 mai. 2019. Disponível em: <https://empoderadxs.com.br/2019/05/17/conheca-a-historia-por-de-tras-do-dia-internacional-contra-a-homofobia/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

FÁBIO, André Cabette. **A trajetória e as conquistas do movimento LGBTI+ brasileiro.** Nexo Jornal. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBTI-brasileiro#:~:text=Sua%20exist%C3%A2ncia%20%C3%A9%20fruto%20de,espa%C3%A7o%20para%20conquistas%20de%20direitos](https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBTI-brasileiro#:~:text=Sua%20exist%C3%A2ncia%20%C3%A9%20fruto%20de,espa%C3%A7o%20para%20conquistas%20de%20direitos.). Acesso em: 12 maio 2022.

FERREIRA, Bruno. **Relembre as polêmicas da Ministra Damares sobre a comunidade LGBT.** Observatório G, [2018 ou 2019a]. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/relembre-as-polemicas-da-ministra-damares-sobre-a-comunidade-lgbt>. Acesso em: 17 out. 2022.

FERREIRA, Bruno. **Ministra Damares Alves se reúne com grupos de “Ex-gays”.** Observatório G, 2019b. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/08/ministra-damares-alves-se-reune-com-grupos-de-ex-gays?amp>. Acesso em: 17 out. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ilustríssima Conversa: LGBTfobia de Bolsonaro atualiza moralismo da ditadura “hétero-militar”, diz Renan Quinalha.** Locução de: Eduardo Sombini. Entrevistado: Renan Quinalha. [S.l]: Folha de S. Paulo, 18 set. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3QxXfMY0qN15Bb5XlNrLxf?si=49330ed653d344a0>. Acesso em: 9 dez. 2022.

GALVÃO, Pedro. **Pink Money:** como sua marca deve se relacionar com o público LGBTI+. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/pink-money>. Acesso em: 9 dez. 2022.

GARIGLIO, Lívia. **Homofobia:** de onde surge e como mudar. Agência Jovem de Notícias, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciajovem.org/homofobia-de-onde-surge-e-como-mudar/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

GERVAZONI, Caio; LIBERANSK, Nicoli. **O posicionamento e o debate racional nas redes sociais crescem diante a ascensão do negacionismo.** Escola de Comunicação & Estratégias Digitais, 26 abr. 2021. Disponível em: <http://facopp.unoeste.br/facopp/o-posicionamento-e-o-debate-racional-nas-redes-sociais-crescem-diante-a-ascensao-do-negacionismo/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

GIDDES, Anthony. **Sociologia.** Tradução: Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos, Vasco Gil. 6ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Título original: Sociology. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf. Acesso em: 09 dez. 2022.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** Tradução: Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. 2ª ed. São Paulo: editora Unesp, 2019. Título original: Beyond Carnival. Male Homosexuality in Twentieth Century Brazil.

G1 CAMPINAS E REGIÃO. **Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração:** 'Era um demônio'. Portal de notícias G1, 21 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2022.

HADDEFINIR, Henrique. **Mês do Orgulho LGBTQIA+:** A representatividade gay na TV faz 50 anos. Omelete, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/mes-do-orgulho-a-representatividade-gay-na-tv-faz-50-anos>. Acesso em: 27 set. 2022.

HADDEFINIR, Henrique. **Pantanal:** O “peão gay” e os valores da heteronormatividade. Omelete, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/pantanal-peao-gay-heteronormatividade>. Acesso em: 9 dez. 2022.

HILTON, Erika. **Cortes de participação em podcast.** Instagram @hilton_erika, 27 ago. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/ChwtK0UA4Yw/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23 out. 2022.

KACHANI, Morris. **“Está em marcha uma revolução de mudança das vivências trans”.** Inconsciente Coletivo. Estadão, 1 de jul. 2021. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/esta-em-marcha-uma-revolucao-de-mudanca-das-vivencias-trans/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,que%20mais%20consome%20pornografia%20trans>. Acesso em: 20 maio 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ª ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2010.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica:** Guia do estudante para fundamentação do trabalho de pesquisa. 2ª ed. São Paulo, SP: Unimarco, 1995. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Inicia%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_pesquisa_bibliogr%C3%A1fica/2z0A3cc6oUEC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 30 ago. 2022.

MACHADO, Guilherme. **De censurados a beijos no horário nobre:** a evolução dos gays nas novelas. UOL entretenimento, 22 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2019/06/22/de-censurados-a-exibidos-no-horario-nobre-a-evolucao-dos-lgbts-em-novelas.htm>. Acesso em: 17 out. 2022.

MARX, Matheus. **A evolução dos gays nas novelas brasileiras.** Matando Matheus a Grito. Youtube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/LLlqKVYTpyc>. Acesso em: 9 dez. 2022.

MEIO & MENSAGEM. **Zeitgeist.** Meio & Mensagem. 6 fev. 2014. Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/ponto_de_vista/2014/02/06/zeitgeist.html. Acesso em: 5 set. 2022.

METODOLOGIA CIENTÍFICA. **Pesquisa Explicativa**. Metodologia Científica. Disponível em: <https://www.metodologiacientifica.org/tipos-de-pesquisa/pesquisa-explicativa/>. Acesso em: 5 set. 2022.

MILLER, Victor. **Número de héteros diagnosticados com HIV supera gays, diz estudo da WA Health**. Gayblog, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/numero-de-heteros-diagnosticados-com-hiv-supera-gays-diz-estudo-da-wa-health/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Pânicos morais e controle social**: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, [online], n. 28, p. 101–128, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644798>. Acesso em: 23 out. 2022.

MOURA, Rafael Moraes. **TSE determina remoção de vídeos em que Bolsonaro cita “kit gay”**. Estadão política, 16 out. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,tse-determina-remocao-de-videos-em-que-bolsonaro-cita-kit-gay,70002548946>. Acesso em: 17 out. 2022.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas** [online], 2021, v. 29, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n165840>. Acesso em: 25 out. 2022.

OAB SÃO PAULO. **O Sistema de Justiça e a Violência Contra LGBTI+**. Youtube, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/MSZIEK1YI6U>. Acessado em: 9 dez. 2022.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê denuncia 316 mortes e violências de pessoas LGBT em 2021**. Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, 12 mai. 2016. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>. Acesso em: 5 set. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador**: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Tradução: Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. Título original: Beneath the equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay Communities in Brazil.

PERDIGÃO, Letícia. **Relembre Capitão Gay, personagem icônico de Jô Soares**. Metrôpoles, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/relembre-capitao-gay-personagem-icônico-de-jo-soares>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PIMENTA, Tatiane. **Behaviorismo**: guia completo sobre a Psicologia Comportamental. Vittude, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/behaviorismo/#:~:text=Os%20behavioristas%20acreditam%20>

que%20os,comportamento%20do%20indiv%C3%ADduo%20ou%20animal. Acesso em: 16 out. 2022.

PINHEIRO, Ester. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo.** Brasil de Fato, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>. Acesso em: 27 ago. 2022.

PUFF, Jefferson. **LGBTs sofriam torturas mais agressivas, diz CNV.** BBC Brasil, 10 dez. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguiacao_ditadura_rb. Acesso em: 8 set. 2022.

QUINALHA, Renan. **A história do movimento LGBT brasileiro.** Além do Gênero. Grupo Globo, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://gente.globo.com/a-historia-do-movimento-lgbt-brasileiro/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade lgbt.** Coleção arquivos da repressão no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+:** Uma breve história do século XIX aos nossos dias. Coleção Ensaios. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RABATEL, Alain. **O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista.** In: EMEDIATO, Wander (Org.). A Construção da Opinião na Mídia. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

REDAÇÃO LADO A. **Cena antológica de “Alto Astral” revive Christiane Torloni e Silvia Pfeiffer em explosão de shopping.** Revista Lado A, 22 dez. 2014. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2014/12/noticias/cena-antologica-alto-astral-revive-christiane-torloni-silvia-pfeiffer-em-explosao/>. Acesso em: 1 out. 2022.

REVISTA OESTE. **Bolsonaro pede perdão por seu jeito de falar.** Revista Oeste. Youtube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/kr5jfEG6b6w>. Acesso em: 18 out. 2022.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura.** In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Orgs.). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. 4ª ed. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

SILVA, Daniel Neves. **Atos institucionais:** conceito, principais e efeito. Brasil Escola, [20--] Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/atos-institucionais.htm>. Acesso em: 11 out. 2022.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro diz que família é 'sagrada' e insinua que LGBTQI+ vão para o inferno.** Correio Braziliense, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4978076-bolsonaro-diz-que-familia-e-sagrada-e-insinua-que-lgbtqi-vao-para-o-inferno.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

TERRA. **Bolsonaro**: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual". Portal Terra, 8 jun. 2011. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

UNIVERVO LGBTI+. **Ataque de quadrilha**. Instagram @universolgbti, 10 out. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjhIw4gtJpO/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 9 dez. 2022.

UNIVERVO LGBTI+. **Exposição de ataques**. Instagram @universolgbti, 27 out. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CkPEgtrLsqJ/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 9 dez. 2022.

VEM PRA CÁ. **Giro dos famosos com gaby cabrini** | Vem Pra Cá (01/06/21), 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Vem pra cá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Pbw0mZQQHg>. Acesso em: 9 set. 2022.

VITTAR, Pablio. **Indestrutível**. Álbum: Vai Passar Mais. Youtube, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>. Acesso em: 1 out. 2022.

ANEXO A – PERSONAGEM LGBTI+ NA TELEDRAMATURGIA

Figura 9: O primeiro personagem *gay* da teledramaturgia



Fonte: Memória Globo. Na foto, o personagem Rodolfo Augusto.

ANEXO B – REPRESENTATIVIDADE NO BBB

Figura 10: A representatividade LGBTI+ nos BBBs 21 e 22



Fonte: Respective perfis no *Instagram*. Em ordem: Lumena, Lucas, Gil do Vigor e Vinícius